

EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
E DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO, DE SÃO PAULO

SUMMARIO

TERCEIRA CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Artigo do Dr. Fernando de Magalhães, presidente da A. B. E.	227
Circular da Directoria Geral do Ensino	230
Regimento Interno das Conferencias Nacionais de Educação.	231
Semana de Demonstração de Cultura Physica	233
PROF. JOÃO LOURENÇO RODRIGUES	A sobrevivencia pelas obras 235
<small>Ex-director geral do ensino e ex-lente da Escola Normal da Praça</small>	
PROF. FRANCISCO E. DE AQUINO LEITE	O ensino da leitura (Em defesa do methodo analytico) 248
<small>Lente de inglês do Gymnasio de Ribeirão Preto</small>	
PROF. SUD MENNUCCI	O que o cinema não fez 259
<small>Ex-inspector regional do ensino</small>	
F. GARCIN	Curso Paulina Kergomard (Tradução). 265
<small>Escriptor e pedagogista francês</small>	
DR. ANTONIO F. DE ALMEIDA JUNIOR	Da "Colla" e suas especies 271
<small>Lente da Escola Normal do Braz</small>	
PROF. CYRO DE FREITAS GAIA	A escola primaria do littoral 280
<small>Director das escolas reunidas de Registro, Iguape</small>	
PROF. ODETTE BITTENCOURT	Pratica da Escola Activa — Applicação do Methodo Decroly (Transcripção) 286
<small>Da Escola Visconde de Ouro Preto - Rio</small>	
DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA DE SÃO PAULO	Seriação de livros didacticos 298
PROF. ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA	Planos de aulas primarias 303
<small>Inspector Geral do Ensino</small>	
ALDUINO ESTRADA	Bibliographia Pedagogica (3º boletim) 310
<small>Encarregado da Secção de Publicidade da Directoria Geral da Instrução</small>	
RESPOSTAS A CONSULTAS - INFORMAÇÕES. 313-340	
ATRAVÉS DE LIVROS — Infancia retardataria. 341	
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES — Educação Physica — Barão do Rio Branco. — Educação do homem e do cidadão — As novas inspectoras escolares do Districto Federal — A musica americana 344-357	

Francisco E. de Aquino Leite

Cathedrico de Inglês do Gymnasio
de Ribeirão Preto

Em artigo inserto no "Estado de São Paulo", de 15 de corrente, occupa-se o professor Renato Jardim do ensino da leitura, e argumenta cerradamente contra o methodo "analytico", ou melhor, "synthetic analytico" da leitura, adoptado ha — mais de "trinta" annos — no Estado de São Paulo, onde foi introduzido por Miss Brown, distincta educadora americana, contractada pelo governo do Estado.

Primeiro que tudo, devo observar que a affirmativa de que, durante tão longo prazo, esse methodo — não tem dado resultado — envolve grave censura, aliás injusta, não só ao professorado dos grupos e escolas paulistas, mais ainda a todos a quem tem cabido a direcção do ensino no Estado, sem que nenhuma providencia tivessem tomado para corrigir tal situação.

Torna-se necessario, porém, provar documentadamente, baseado em factos e algarismos, que — "alunos" de categoria media, ou quaes poderiam aprender a leitura inicial em tres mezes, ou mesmo em seis, no fim de "um anno" escolar — não lêem — e então, ou ficam em avultado numero obstruindo a classe e impedindo a matricula de outras crianças, ou transportados manquejantes na leitura para classe immediata, vão ali "marcar passo", e com a mesma consequencia, obstruila. Vale pouco o recurso de "última hora" de que lança mão grande numero de escolas, mais ou menos ás escondidas, a velha "syllabaçã". Tudo isso — "porque o professor é culpado ao uso do chamado "methodo analytico" e, por isso — "a mistura de processos antagonic", a insegurança da acção do professor nesse methodo didactic, não representara pequenos danos ao rendimento do ensino".

Não disponho de dados estatisticos que demonstrem a inferioridade do rendimento do "methodo analytico" em relação ao dos antigos, anteriores á introduccão d'aquella, porém, devo lembrar-lhe que um nosso ex-alumno do Gymnasio de Ribeirão Preto, hoje professor, quando consultado a respeito, deu-lhe informação contraria ás conclusões pejorativas, em relação ao proveito colhido nos Grupos daquella cidade, com o ensino da leitura pelo "methodo analytico" que lhe não merece confiança.

E assim culmina a critica impiedosa: "Esta doutrina — importada dos Estados Unidos — acimou-se em São Paulo, e tornou-se aqui official, officia! e de applicação obligatoria nas escolas publicas. Mergulhámos, mercê de Deus, em pleno mundo chinês. As escolas, com o seu devancio de escripta ideologica, prolongaram até aqui o territorio do velho e pittoresco Celeste Imperio. Foi um desastre..."

O melhor é que o professorado paulista, considerado como modelo, entre o dos demais estados, tem fornecido mestres para a remodelação do ensino primario, no qual a leitura é a base da alphabetização, no Ceará, no Paraná e recentemente em Pernambuco, estendendo assim até ás regiões do nordeste a acção desastrosa do malsinado methodo "chinês" para invalidar com o "mal das seccas".

O facto de que — "a Allemanha, a Italia, a Hespanha, etc., não adoptam, nem jamais adoptariam a "leitura analytica" por serem linguas syllabicas e de escripta phonetica" — e diz isso com tanta emphase — em nada invalida o methodo, como tentarei provar mais abaixo.

Por outro lado, só o facto de o norte-americano, pratico como é, ter preferido esse methodo — "para o ensino de crianças norte-americanas, vencendo grandes difficuldades — por motivo da sua lingua, de escripta semelhante, a dos antigos assyrios meio phonetica, meio ideologica" (That is shocking!), demonstra a excellencia do processo, o qual, applicado á nossa lingua, cuja leitura e escripta — são mais facéis, por ser "mais phonetico" o alphabeto — apresenta por esses mesmos motivos — maiores vantagens e melhor rendimento.

Quanto á phonetica, o nosso alphabeto é tambem imperfeito, bastando notar que todas as vogaes teem mais de um valor. Além disso, o e atmo, final, soa como i, e o o final, co-

mo u : o mesmo quanto ás consoantes, c, s, g, x, e o digramma consoantal, ch, o que tambem difficulta o ensino de syllabacão. (*)

Penso que o professor Renato labora em equívoco, quando diz que os partidarios da "leitura analytica" pretendem — "que a aprendizagem da leitura se processe pela associação do "pensamento ao aspecto da escripta", que a leitura se faça pelos olhos (excluida a memoria auditiva) e que o ensino da leitura consista em promover a conversão de um vocabulario auditivo em "vocabulario visual" — e somente isso.

Fosse só isso, e o methodo seria entã puramente "synthetic". Aliás, todo ensino de leitura cifra-se, afinal, nessa conversão. Mas, quem quer que tenha applicado esse methodo, ou que tenha acompanhado de perto a sua processação por pessoa intelligente e capaz, e tenha se detido no exame das cartilhas em que elle é exposto, sabe perfeitamente que nelle não é excluido o ensino da "syllabacão" e do "abecedario", o qual é começado — só "depois" da leitura corrente, de palavras, phrases e sentenças; nisso consiste o processo "analytico" que o caracteriza e distingue radicalmente dos antigos methodos "syntheticos" os quaes partem do a b c, para a "syllaba", e desta para a "palavra" ou — da "syllaba" para a "palavra" e para a "letra" — mais ou menos desordenadamente, e nisso está o seu grande inconveniente.

Pela "leitura analytica", parte-se — da palavra, "conhecida", para a syllaba e a letra, "desconhecidas" — de modo que o ensino destas ultimas se faz — "mais tarde", porém, com firmeza, natural e suavemente — livre da — monotonia e repisar enfadonhos — da "syllabacão".

Uma vez perfeitamente conhecidas "todas" as syllabas e letras — d'ahi por diante pôde ser feita a leitura "independente", de — "qualquer" palavra, phrase ou sentença — com toda a segurança e desembaraço.

Repito aqui o que tem sido observado, dito e repisado: que as crianças que aprendem pelo methodo de "syllabacão" é que manquejam, claudicam, gaguejam, repisam e embatucam — na leitura corrente.

Diga-se, de passagem, e é detalhe de não pouca monta, geralmente desprezado — que a collocação do "accento to-

(*) Acresce que a divisão em syllabas é ponto sobre o qual os proprios grammaticos divergem em muitos casos.

nico", nas palavras de "duas ou mais" syllabas, constitue não pequena difficuldade, mórmente na leitura adiantada.

Quantas vezes não vacillamos, e erramos mesmo, na pronuncia de uma palavra, por ignorarmos-lhe a collocação do accento, apesar de destacarmos perfeitamente as syllabas, o que é mais uma demonstração cabal de que a leitura da palavra deve ser ensinada, primeiro que tudo, "synthetica" — no seu "conjuncto", como um "todo" e, por ultimo, "analytica" — nos seus elementos phonicos (syllabas, letras).

Quem conhece a lingua inglesa ou se dedica ao ensino della, bem sabe avaliar a difficuldade da collocação do accento tonico numa lingua em que nenhum accentto ou signal é usado na escripta e impressão, podendo dizer-se que só a collocação do accentto tonico, a qual, nessa lingua, não obedece a nenhuma regra fixa, reduzia nella de mais de 50% talvez, a difficuldade da pronuncia de palavras de "duas ou mais" syllabas.

Possuo mais de doze cartilhas americanas, e em todas ellas é ensinada a pronuncia dos monosyllabos (elementos phonicos), os quaes contituem a "base", caracteristicamente "monosyllabica", dessa lingua. Em muitas dellas esses monosyllabos são dispostos em grupos phoneticos com a mesma vogal — longa, breve, regular ou irregular — marcada cada uma com o competente signal diacritico, quando necessario. Todas trazem "vocabulario" no qual o accentto tonico e mesmo a "syllabacão completa" são indicados: — donde se vê que o ensino por essas cartilhas — não se limita ao da palavra e da sentença, exclusivamente — como parece concluir-se da referencia mordaz ao ensino da leitura dessa lingua, como diz — "de escripta semelhante ao dos antigos assyrios, meio phonetica meio ideologica".

Quanto á escripta inglesa, o alphabeto nella usado é o mesmo que o nosso, com as mesmíssimas letras, somente que é "mais imperfeito", porque representa "maior numero de sons", e — não admite paralelo, nem por sombras, com a escripta dos antigos assyrios, "meio phonetica, meio ideologica".

Em inglês, a syllabacão é difficultada, não só por esse motivo, como tambem por ser lingua de "finaes consonantales", devido á "vogal breve", regular, "abrupta" — caracteristicamente inglesa — a qual — por attrahir a consoante sub-

sequente — não pode terminar syllaba, excepto o i (i) ou y = i (final), atonos, como em di-vis'i-bil'i - ty. (*)

Convem notar ainda que o numero de sons vogaes "simples", em inglês, coincide ser o mesmo que em português, isto é, 17, differenciando-se, porém, a maior parte delles, pela sua "qualidade", nas duas linguas.

Se os ingleses teem a vogal "breve" característica da lingua, e de difficil pronuncia para o estrangeiro, temos nós, em compensação, as nossas vogaes e dithongos "nasaes" que o estrangeiro não pronuncia com exactidão, nem mesmo depois de muitos annos de residencia entre nós.

Ademais, a vogal "longa, regular" isto é, o "nome" de cada uma, excepto o do e (e = i português, "agudo") é dithongal, em inglês, de modo que as "cinco" letras vogaes representam 18 sons elementares — "simples" e dithongaes — e, dada a necessidade de se revesarem nessa representação, incluindo o y, esses sons são representados de — 44 modos, entre si, pelas mesmas cinco vogaes.

Isso é aggravado pela representação desses mesmos sons e dos dithongos, oi = ói, português, e ou = au (port.) por meio de digrammas e trigrammas, o que eleva o numero de representações, conforme já registámos, a — 136: dahi a tão falada — difficuldade da "pronuncia" do inglês — quando o que é realmente difficil — é a "leitura" e a "escripta" — da lingua, de maneira que é muito mais facil "falá-la" praticamente — sem ler nem escrever — o que só convem ao "alfabeto".

Em contradição com essa opinião, corre tambem mundo que — a lingua ingleza é "muito facil" — e a razão cerebrina é que — a "grammatica" da lingua é "muito simples", e a lingua possui "poucas flexões" — como se a grammatica fizesse a lingua e as flexões não fossem senão "mechanicas", excluindo os casos de concordancia, nas linguas que as possuem em abundancia.

Fosse o ingl estáo facil, e seria ha muito — lingua "quasi universal" — dada a sua divulgação constante pelo cinema, commercio e industrias. No entanto, poucas são as pessoas que conseguem adquirir algum conhecimento dessa lingua, e raros os que a falam, devido á leitura e escripta della, e mais que tudo — aos "modismos" e "idiotismos" que, como

(*) Para pôr dois acentos: o primeiro, menor, e, o segundo, maior.

é sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de toda e qualquer lingua.

No meu muito humilde entender, si houve realmente esse "desastre", que perdurou durante tão grande lapso de tempo, com a adopção da "leitura analytica" nas escolas paulistas, deve-se isso mais á defeituosa processação do methodo, do que ao methodo, em si mesmo — o melhor, o mais racional, o mais "activo" e mais adaptado á psychologia infantil, em que pese aos seus indefessos detractores.

Num unico ponto concordo com o prof. Renato Jardim, e é quando diz: "A mistura de processos antagonicos, a insegurança da acção do professor nesse malabarismo didactico, não representam pequeno damno ao rendimento do ensino".

Discordo, porém, quando afirma: "Vale pouco o recurso de "ultima hora" de que lança mão grande parte de escolas, mais ou menos ás escondidas, a velha syllabação". Indague melhor e se convencerá de que esse recurso não é de "ultima hora e sim muito anterior — e que elle é o unico responsavel pelo "desastre", e nunca o innocente "methodo analytic, feito "bode expiatorio" da fallencia do ensino da leitura".

Essa falha que, como é sabido, tambem ocorre, geralmente, no ensino de outras materias do curso primario, deve-se attribuir notadamente á deficiencia pedagogica no que concerne á "methodologia" indispensavel ao bom aproveitamento no ensino de qualquer materia. E a methodologia tem sido quasi de todo esquecida, não só no ensino de pedagogia, e na sua applicação ao curso primario, mas até nos benemeritos e bem intencionados "Congressos de Ensino e Educação" onde de tudo se tem tratado, menos justamente dos methodos a serem adoptados afim de alcançar o maximo rendimento e perfeição na ministração do ensino primario ou secundario.

Assim é que, nos concursos só se exige, dos concorrentes, aquillo que elles — nunca ensinaram, e talvez nunca ensinaram — tudo muito profundo, não ha duvida, mas sem o minimo valor pedagogico, não se cogitando, em absoluto, de uma prova pratica de "methodologia" da materia: o resultado é que, justamente na pratica é que as falhas se evidenciam, causando damnos irremediaveis a turmas e turmas de alumnos, victimas imbelles de tamanha negligencia e inconsequencia, da parte daquelles a quem cabe defendê-los.

São sabidos de todos, os exemplos de "desastres" desse genero, nas diversas escolas e gymnasios, sem que seja tomada a minima providencia para evitá-los ou corrigi-los.

O "manquejamento" ou melhor, o "mal de engasgo ou caroço", a que allude o professor Renato Jardim, é typico e ocorre exactamente com o methodo "beabatico" ou de "syllabação", e nunca — por impossivel — na "leitura analytica", visto que, por este ultimo processo, o alumno — ou conhece a palavra, "e lê" — ou não a conhece e "não lê" — cabendo ao professor ensiná-la ou reportá-lo a outra phrase ou sentença "conhecida" onde occorra a palavra, a qual, por "contraste" e "associação", natural e instinctiva, é "destacada", voltando á sentença onde falhou a leitura della.

Não tenho a pretensão de dizer que tal processo é scientifico, mas posso garantir que — "é pratico" e nunca falha — ainda quando applicado a alumnos do mais baixo nivel intellectual, como pode ser verificado por quem quer que não o tenha ainda experimentado.

O mesmo não se dá com os methodos antiquados, verdadeiros supplicios para a mente infantil, que disso fatalmente se resente. Por esses methodos, no começo a criança — só recorre ás "syllabas", em regra mal estudadas, para lêr, e assim, destaca a primeira, a segunda, e as seguintes, mas — "uma só" que falhe — e logo estaca, victima do "mal de engasgo" da leitura, a rivalizar com o outro, organico, produzido pelo "mal de Chagas".

Do exposto resalta claramente que, em taes casos, na leitura analytica — ha pronto remedio — simples, racional, "activo", e, diga-se mesmo, "psychologico", pois que a criança — tem de procurar e destacar a palavra "viva", que exprime "idea", e não a syllaba "material", que sómente representa "som".

No caso da "syllabação", desconhecida que seja uma syllaba, que "nada significa" — não ha remedio pratico, possivel — e sobrevem o "engasgo" incuravel, para o qual só chamando o medico especialistas.

Não deve ter escapado a muitos paes e mães, facto de os pequenos "destacarem" — que outra coisa não é senão "lerem" — natural e espontaneamente, os titulos de jornaes, revistas, livros, etc., antes, á vezes muito antes, dos seis annos, isto é, antes de "idade escolar".

Quem, de boa fé, contestará que isso nada mais é que a applicação "activa", espontanea, natural e racional, da "leitura analytica" ?

Só esse facto de "experiencia", prova á saciedade, irrefutavelmente, que a leitura da palavra, tanto na nossa, como em qualquer das linguas europeas — independe, em absoluto, do conhecimento da "syllaba" e da "letra", as quaes são simplesmente os elementos "materiaes", componentes daquella, que, por sua vez o é da "phrase" e da "sentença".

Note-se que a criança, não só apprende a "palavra", mas tambem e com a mesma facilidade, a "phrase" e a "sentença", como se verifica da experiencia com os nomes-phrases: "Diario de São Paulo", "Correio Paulistano", "O Estado de São Paulo", etc.

Nesses casos — inverte-se a processação — isto é, as "palavras" são aprendidas como elementos componentes da "phrase" ou "sentença".

Essa leitura pronta, natural e espontanea, da palavra e da phrase, "nunca" poderá ser conseguida com o methodo de "syllabação", por absoluta impossibilidade — nem mesmo com crianças na idade escolar, ou ainda acima d'ella, isso porque a leitura — dependente da "syllabação" — só pode ser feita "depois" de ser esta ultima processada, o que — demanda tempo, e obriga á "monotonia" e aridez enfadonhas.

A differença radical entre os dois processos, está em que a "leitura analytica" resulta da "observação", e é feita por meio de — "uma só" operação mental, directa e immediata — ao passo que a syllabação, mesmo quando "conhecida", exige — tantas quantas as syllabas — para chegar ao mesmo resultado, e assim — complica, embaraça e difficulta a leitura, e a retarda fatalmente. Por fim, uma vez lida a palavra, só se torna "conhecida" — depois que a criança apprende o seu "conjunto", isto é, a propria palavra — o que demonstra a mesma "inutilidade" do processo, pelo qual, para iniciar a leitura, faz-se depender o conhecimento da palavra "escripta" que é um "todo" — perfeitamente "distincto" — do das "syllabas" que — se não distinguem — ou ainda do das "letras" que — por serem "distinctas" — indicam, na apparencia, a superioridade do methodo do *a, b, c*, sobre o do *b, a - ba*.

Não ha, em verdade, differença essencial entre a apprehensão da "idéa" da palavra — escripta ou falada, tomada como um "todo" — e a do "ser" por ella representado. Assim, v. g. a idéa do ser — casa — tomado no seu "conjunto", correspondem exactamente á da — palavra "escripta" — tomada como um "conjunto" de letras e syllabas "phoneticas", a que corresponde igualmente a da — palavra "falada" — como um conjunto de sons simples ou agrupados em syllabas "vocaes".

Em qualquer dos casos não se cogita, em absoluto, das partes ou elementos, os quaes, nos "seres", vão desde as partes "visiveis", mais ou menos "distinctas", até ás "invisiveis", que vão até ao infinitamente pequeno, inatingivel, as quaes, tambem — só "depois" são conhecidas ou estudadas.

A illusão provém da formação e composição caracteristicas da palavra "escripta", a qual se compõe de uma, duas ou mais "letras" — escriptas "successivamente, numa determinada ordem" — ás quaes correspondem, na palavra "falada", um, dois ou mais "sons" — emittidos semelhantemente — dispostos em syllabas, de um, dois ou mais sons: donde a tendencia erronea para processar a leitura, baseada na "syllaba" e d'ahi a genese do methodo da "syllabação" a um tempo — anti-cientifico, irracional e anti-pedagogico.

E' curioso notar-se que, na pratica da escripta "activa" e do "dictado", que completam o methodo analytic e constituem vantagens de inestimavel valor, procede-se "inversamente" e applica-se a "synthese", tudo de accordo, com o que ficou explanado acima, isto é, escrevem-se — as letras e as syllabas que vão formar a palavra.

Estou convencido de que uma das causas do insuccesso que se quer attribuir ao "methodo analytic", provém da distincção inutil e confusa entre methodo de "palavração" e "sentenciação" que provocou tanta discussão infrutifera, prejudicando-lhe a applicação, certo, como é, que o ensino da leitura, seja qual for o methodo adoptado, visa o ensino da palavra, phrase ou sentença, da syllaba e da letra — consistindo a differença apenas na "ordem" em que se deve proceder. E' excusado dizer que essa ordem não é "rigida", cabendo ao professor intelligente alterá-la, sempre que necessario, quanto á palavra, sentença, syllaba ou letra.

Note-se ainda que a criança aprende a distinguir a palavra, pela sua "forma" como um "conjunto" de letras e syllabas, — exactamente como distingue os objectos (coisas e

animaes) que a cercam, pela sua *côr, forma e tamanho* — com a abstracção completa das partes ou elementos, obedecendo á lei do "contraste" para objectos "*distinctos*" e a da "identidade" ou "semelhança" para os objectos da mesma "especie" ou "semelhantes".

Por esse processo — todo natural e instinctivo — até o ensino da letra e da syllaba, "isoladas", pode ser feito com muito mais vantagem e rapidez.

Tenho experimentado varias vezes — sem nunca falhar — com crianças de idade inferior á escolar, as quaes distinguem e destacam com a maior facilidade e prontidão, não só os nomes dos jornaes como palavras nelles encontradas, e qualquer letra que se lhes indique — de qualquer dos varios typos nelles empregados.

Visto como o ensino da escripta completa o ensino "activo" da palavra e sentença, e é transmittido parallelamente a este, deve o professor, não só escrever as palavras no quadro-negro, em typo de fôrma, de linhas simples (typo egypcio), como deve exigir que os alumnos o façam tambem, sem a preocupação de perfeição nos traços, para depois ensinar a escripta usual.

Muito do que ficou dito acima, já o foi em uma pequena serie de despreziosos artigos por mim escriptos e publicados em 1908, em Ribeirão Preto, sob o titulo de "Pró-infancia". Se volto ao assunto é somente para contribuir, mais uma vez, com uma pedrinha, embora insignificante, para o mais cedo possivel libertar as crianças brasileiras dos atrasados e antiquados methodos de ensino da leitura, em tudo e por tudo, "anti-cientificos" porque contrarios á psychologia infantil, e por isso — monotonos, inspidos, soporíferos e martyrizantes: methodos "passivos" e ronceiros, baseados no *b, a ba*, o qual degenera nas bobices do *bobo babado* que *bebe e baba*, nas sandices da *Bibi* que é *bobo*, e do *boi* que *bebeu, babou e bulou* (para ensinar o *b* e o *ba, be, bi*); nas caduquices do "*vovô* que é *viuvo*" e da "*vovó* que *viuvou*" e mais as tolices da "*Eva* que *vê* o ovo" e do "*Ivo* que *via* a uva" (para ensinar o *v* e o *va, ve, vi*) e quejandas bobagens que se deparam e pullulam nas caducas e bolorentas cartilhas de "syllabação", as quaes as propinam ás pobres crianças, cuja intelligencia, estímulo e iniciativa embotam, correndo não pequeno risco de acabar de todo babonas e, "abobadas".

Accusar a leitura analytica de "chinesice" é negar a evidencia dos factos, é negar a luz meridiana e descobrir trevas com o sol a pino.

A vista do exposto e demonstrado, e dada a sua vetustez — verdadeira "chinesice" é a "syllabação" — que ha muito devera ter sido empacotada, encaixotada e exportada para uso e gozo dos filhos do pittoresco e carunchoso Celeste Imperio.

Em face da ameaça que parece pairar sobre a cabeça das innocentes crianças paulistas, com a volta a um passado tenebroso, de — ha mais de "trinta" annos — que constituirá a maior caranguejada perpetrada em materia de ensino, e aproveitando a muito louvavel tolerancia da actual direcção da "Instrucção Publica" do Estado, tomo a liberdade de lembrar a seguinte alvitre :

Faça-se um grande "test" em que tomarão parte, de um lado, professores ou professoras, habilitados, apologistas da "leitura analytica", e do outro, de igual numero de apologistas do "methodo de syllabação", com classes do mesmo numero de alumnos, em differentes grupos e escolas: o methodo que apresentar maior numero de alphabetizados, e portanto, melhor rendimento, será o vencedor.

Será bonito e proveitoso: um successo! Só assim, no caso de fracasso do ensino pelo "methodo analytico", darei gostosamente as mãos á palmatoria e sinceros parabens ao professor Renato Jardim.

Emquanto isso, seria do maior proveito e prestaria real serviço, convencendo, quiçá, aos descrentes da "syllabação" se fizesse o sacrificio de "dissecar o "methodo analytico", o velho processó Jacotot, estilizado e encaixado em uma theoria que se lhe não ajusta, manufactura artistica em alheio estojo."

18-2-929

NOTA — O autor deste pequeno escripto não tem nenhuma cartilha publicada, e tudo quanto diz, fá-lo desinteressadamente com o intuito exclusivo de evitar que, depois de um esforço de — mais de "trinta annos" — occorra esse recuo passadista, que constituirá esse, sim, verdadeiro "perigo amarello".

PRÁTICA DA ESCOLA ACTIVA (*)

ENSINO PRIMARIO — APPLICAÇÃO DO METHODO DECROLY

Professora Odette Bittencourt
Da Escola Visconde de Ouro Preto — Rio

CENTRO DE INTERESSE: A CIDADE

Observação

Tratar da cidade em geral.
Explicar o que é uma cidade, uma povoação, uma roça.
Falar nas casas de moradia e nas de commercio.
Dizer o que é uma rua, uma praça, uma avenida.
A cidade do Rio de Janeiro: — ruas, praças, praias, estatuas, avenidas, morros, praias mais importantes.
Citar os actuaes meios de comunicação da cidade comparando-os com os antigos.
Referir-se á illuminação de uma cidade e especialmente á do Rio de Janeiro. Comparar a vida do campo á da cidade.

Associação

Mostrar cartões postaes e gravuras com photographias da nossa cidade e de scenas compestres. Fazer um parallelo entre uma cidade em progresso e uma cidade atrasada.

Falar nas casas de commercio, nas de moradia e nos r edificios publicos.

Descrever uma rua discriminando-lhe as diferentes partes.

Influencia dos morros, montanhas, planicies e praias no clima de uma cidade.

(*) Reproduzido de "A Escola Primaria", do Rio de Janeiro, n.º de Setembro de 1928.

Illuminação, meios de transporte, meios de comunicação, limpeza das ruas, abastecimento dagua, processos antigos e comparação destes com os modernos.

Expressão

Concreta: — Desenhar um bonde, um automovel, uma carroça, um telephone de mesa, as armas da cidade do Rio de Janeiro etc.

Abstracta Oral: — Fazer os alumnos mencionarem as ruas, praças e avenidas mais conhecidas.

Formação de phrases. Derivados, antonyms, synonyms, augmentativo, diminutivo de palavras adaptadas ao assumpto.

Escrepta: — Exercicios sobre familia de palavras, concordancia de adjectivos e verbos.

Formar phrases.

Arithmetica. — Problemas baseados no sub-centro do dia, sobre calçamento de ruas, arvores plantadas em volta de jardins, despesa com viagens de bonde etc.

Segunda-feira, 17 de Setembro de 1928.

Sub-centro — Nossa cidade

Observação

Iniciar a aula mostrando gravuras com photographias da cidade. Pão de Assucar, praia Vermelha, Botafogo, Santa Luzia, etc.

Comparar a vida da cidade á do campo. Perguntar ao alumno onde mora e se teve occasião de passar alguns dias na roça. A criança 'exporá a impressão recebida e a differença de meio.

Associação

Perguntar em que cidade mora. Dar o nome actual da cidade e o antigo. Rio de Janeiro capital do Brasil, e porque.

Dar a situação da cidade em relação ao estado do Brasil, dizendo que é maritima, porque e citar as vantagens das cidades maritimas sobre as centraes.

Explicar como, quando e de quem recebeu o nome de S. Sebastião.

Falar sobre os indigenas.

Estacio de Sá, de quem era sobrinho, onde desembarcou e por que veio para o Brasil. Descrever a luta entre portuguezes, francezes e selvagens (estes sempre ao lado dos francezes). Data do combate final e victoria dos portuguezes. Aproveitar a opportunidade para falar nos dois grandes missionarios: Nobrega e Anchieta. Morte de Estacio de Sá. Nomeação de Salvador de Sá para primeiro governador da cidade. Nome do actual governador e o titulo legal.

Nomeação feita pelo Presidente da Republica. Referir os melhoramentos actuaes expondo retrospectivamente os diferentes graus de progresso até os primordios da cidade. Transferencia da séde da administração publica para o morro do Descanso ou Castello, hoje arrasado.

Vantagens da mudança. Impulso dado á cidade pelo governo de D. João VI que iniciou uma era florescente vindando academias, bibliothecas, Jardim Botânico etc. Difusão da cidade em: velha, nova, bairros, ou arrebaldes, suburbios, zonas rural e ilhas ou mais praticamente: zona urbana, suburbana, e rural explicando a significação dos termos.

Necessidade de hygiene publica afim de evitar epidemias.

Lembrar o nome do grande hygienista Dr. Oswaldo Cruz que, no governo do Dr. Rodrigues Alves e de collaboração com o ministro da viação e obras publicas Dr. Lauro Muller, o prefeito Dr. Pereira Passos e uma commissão de engenheiros da qual era chefe Dr. Paulo Frontin, conseguiu exterminar tres grandes flagellos: febre amarella, variola e peste bubonica. Hygiene individual, imprescindivel para beneficiar a sociedade.

Varreduras das ruas e os inconvenientes apresentados quando são feitas a secco. Irrigação das vias publicas. Remoção do lixo das ruas e casas nas carroças municipaes e transporte para fora da zona urbana.

Processo da incineração do lixo a ser adoptado brevemente.

Abastecimento de agua desde Gomes Freire. Rio Carioca, chafariz, aqueducto, os arcos. Venda da agua.

Reservatorios mais importantes. Accentuara excellencia da agua potavel fornecida á cidade do Rio de Janeiro.

Citar os grandes melhoramentos feitos pelo actual prefeito. Prefeitura. Razão dos feriados municipaes: 20 de Janeiro e 20 de Setembro.

Exposição da imagem de S. Sebastião, padroeiro da cidade, na Prefeitura.

Mostrar o mappa do Districto Federal e a planta da cidade do Rio de Janeiro.

Expressão

Abstracta. — Formar phrases oraes com as palavras: campo, cidade e mar. Dar os antonymos de: cidade, terra, continente, ilha, bahia, isthmo, montanha. Pedir palavras derivadas de: cidade, terra, monte, mar, campo e casa.

Diminutivo e augmentativo destas palavras.

Leitura explicada e commentada do trecho: "Fundação da cidade do Rio de Janeiro" de Rocha Pombo, do livro "Paginas Cariocas" de Nelson Costa.

Recreio

Escrepta. — Nos cadernos de aula serão feitos exercicios sobre palavras derivadas.

Como exercicio de arithmetica passarão para os cadernos o seguinte problema que foi explicado e resolvido. Uma companhia contratou com a Prefeitura a conclusão de uma obra pela qual devia receber 150.000\$000 se a concluísse em 18 dias, obrigando-se a pagar a multa de 500\$000 por dia que excedesse áquelle prazo. Recebeu desse modo 147.500\$000.

Em quantos dias terminou o trabalho?

Concreta. — Desenhar o escudo da cidade do Rio de Janeiro.

Terça-feira, 18 de Setembro de 1928.

Sub-centro — Ruas e avenidas

Observação

Começar a aula mostrando cartões postaes, jornaes illustrados em que haja vistas das ruas e avenidas principaes da cidade.

Planta da cidade do Rio de Janeiro.

Associação

Recordar o que é uma rua, uma avenida. Necessidade da divisão em leito e calçada ou segundo outros em calçada e passeios lateraes. Ruas curvas, rectas e quebradas. Fazer as linhas geometricas no quadro negro. O calçamento actual comparado ao antigo. Dizer porque se prefere o asphalto nas avenidas.

Ruas antigas: picadas, atalhos.

Diferença do movimento de veículos entre uma rua central e uma de bairro. Ruas de bairro: — mais novas, mais largas.

Inconveniências apresentadas pelas ruas estreitas. Divisão da cidade (recordação da vespera).

Pedir os nomes actuaes e antigos das ruas do centro, mais conhecidas. Ruas proximas á escola.

Citar as avenidas mais importantes e explicar, summariamente, a razão de cada nome. Lembrar as estatuas e monumentos que enfeitam as nossas avenidas.

Allusão a episodios historicos em que tomaram parte os vultos representados pelas estatuas.

Destino e fim dos edificios publicos. Mostrar a planta da cidade do Rio de Janeiro e pedir a indicação de varias ruas e avenidas. Traçar a avenida Rio Branco, arteria principal da cidade, com as ruas que lhe ficam transversaes desde a praça Mauá até o Obelisco, final da avenida. Avenida do Mangue, Beira-Mar — melhoramentos. Associar aos nomes de Estacio de Sá, Mem de Sá, Salvador de Sá, Pereira Passos, Oswaldo Cruz, 7 de Setembro, 13 de Maio etc., os actos historicos correspondentes. Asseio — medida peculiar aos individuos civilizados. Regras a serem observadas pelo habitante: não cuspir, nem jogar papeis ou lixo nas ruas. Serviço de limpeza da cidade mantido pela municipalidade. Insistir no assumpto da vespera: — Varreduras. Remoção do lixo. Vantagens da incineração. Irrigação. Esgotos. Abastecimento dagua. Reservatorios mais importantes. Ruas e avenidas melhoradas pela actual administração. Os tres poderes do Districto Federal. Feriados de 20 de Janeiro e 20 de Setembro.

Expressão

Abstracta. — Mandar especificar as ruas e as avenidas mais importantes com os nomes antigos e os actuaes.

Leitura do trecho—"A rua do Ouvidor" de Coelho Netto, do livro de leitura de Bilac e Bomfim, pagina 7. Falar no grande romancista. Explicação da leitura e resumo. Significação de palavras. Formação de phrases com palavras tiradas do trecho.

Recreio

Nos cadernos de aula será feito o exercicio sobre concordancia dos adjectivos nas seguintes phrases.

Na cidade do Rio de Janeiro se vêem *suntuosas* casas. Na inauguração da estrada de rodagem Rio — Petropolis houve festas *magnificas*.

Na cidade do Rio de Janeiro se encontram montanhas e valles *encantador*.

As ruas da cidade estavam *cheio* de povo aguardando a passagem do enterro de Del Prete.

O palacio Guanabara para a festa de 7 de Setembro estava ornado de *vistas* luzes electricas.

As campinas do Brasil são *fertil*.

Arithmetica. — Perimetro do quadrado e do rectangulo. Avaliação.

Nos cadernos: resolução do problema, previamente explicado:

— Um senhor comprou na rua Frei Caneca, um terreno rectangular de 92 metros de largura e 135 metros de comprimento.

Não pode construir a casa, mas a Prefeitura exige um cerca no terreno. Elle mandou collocar estacas afastadas uma da outra 1,50 e passar uma tela de arame. Qual foi a despesa deste senhor se a estaca lhe custou cada uma 500rs. e o metro de arame 2\$500?

Concreta. — Traçar a avenida Rio Branco com as ruas que lhe ficam perpendiculares.

Cartographia — Districto Federal.

Quarta-feira, 19 de Setembro de 1928.

Sub-centro — Praças

Observação

Material para iniciar a aula — Photographias de praças, jardins e estatuas.

Mappa do Districto Federal e planta da cidade do Rio de Janeiro.

Associação

Não será de mais principiar a aula recordando rua e avenida. Divisão e vantagens.

Calçamento. Encontro de ruas dando em resultado largos e praças. Praças asphaltadas, arborizadas e respectivos monumentos. Transito das praças centraes, differença com relação aos arrabaldes. Divisão da cidade e citar as praças mais importantes de cada divisão. Explicar a razão de cada

nome das praças, largos e jardins. Alludir a episodios historicos em que tomaram parte os vultos representados pelas estatuas.

Edificios publicos e casas de commercio que se encontram nas praças estudadas. Ligeira explicação da fundição das estatuas. Mostrar a planta da cidade e pedir a indicação das praças. Citar os jardins publicos principaes.

Insistir ainda no asseio das vias publicas mantido pela municipalidade com a proibição de lançar detritos nas suas praças e jardins.

Dizer que isto é um principio de hygiene e por que. Asseio individual. Passar ao assumpto de hygiene de uma cidade, podendo insistir na utilidade da agua e sua função higienica.

Praças e jardins remodelados pela actual administração. Os tres poderes do Districto Federal.

Estudo das armas da cidade.

Expressão

Abstracta. — Descrição oral de algumas praças associando os factos historicos.

Leitura do trecho: — Largo de São Francisco — de Coelho Netto, do livro de composição de Bilac e Bomfim, pagina 101.

Explicação, synonymos, significação dos termos historicos e geographicos. Falar no romancista e em José Bonifacio grande vulto da nossa Independencia.

Recreio

Escripta. — Descrever um passeio á Quinta da Boa Vista e questionario.

- Dia em que fizeram o passeio.
 - Hora da partida (de manhã ou á tarde).
 - Aspecto do céu.
 - Estado do tempo.
 - Paizagem (morros, jardins etc).
 - Movimento das ruas (veiculos e transeuntes).
 - Condução de que se serviram (bonde ou automovel).
 - A aproximação do lugar.
 - Saltar.
 - Como se portaram nas alamedas da Quinta.
- Bosques, arvores verdejantes, flores, borboletas, passaros, cysnes e lagos.

— Visita ao Museu.

Conhecimentos uteis adquiridos nesta visita.

— Regresso.

Arithmetica. — Explicação e resolução do seguinte problema :

— Deseja-se contornar com uma grade de ferro, um jardim de 22,m50 de comprimento por 12,m08 de largura.

Qual será a despesa se a grade vale 45\$000 o metro corrente.

Concreta. — Traçar o Districto Federal marcando a cidade do Rio de Janeiro.

Recorte. — As armas da cidade do Rio de Janeiro.

Modelagem. — Um cubo.

Sexta-feira, 21 de Setembro de 1928.

Sub-centros — Morros

Observação

Figurar em um taboleiro de areia um morro, outeiro, collina, monte, planicie, planalto, praia, isthmo, cabo, ilha, etc, fazendo o estudo intuitivamente. Mostrar photographias dos morros, praias etc, mais importantes da cidade e conversar sobre as bellezas naturaes.

Associação

Falar em um morro conhecido das crianças.

O homem e as montanhas.

Dizer o que sente quando diante de uma dessas grandes massas de terra. Figurar o panorama que se estende aos olhos de quem sobe em uma elevação de terra: casas, bondes, pessoas, jardins etc, tudo visto de cima para baixo e em tamanho reduzido. Aspecto das encostas: verdejantes ou rochosas. Falando nos montes referir-se a outeiro, collina, morro, serro, montanhas, serra, cadeia etc. Discriminar e mostrar no taboleiro de areia as partes de que se compõe o morro: raiz, base, falda, ladeiras, rampas, encostas, cimo, cume, pico, etc. Picos: arredondados ou ponteagudos.

Montanhas de formas particulares. Dizer que as montanhas tem grande influencia nos climas porque concorrendo para formação das nuvens, occasionam as chuvas que vão almentar os rios e deteem os ventos quentes e frios. Mineaes preciosos e uteis encontrados nas montanhas. Dizer por que as montanhas não alteram a redondeza do globo terres-

tre. Falando nos morros da nossa cidade insistir na descrição dos pontos onde se desenrolaram os factos mais importantes da sua historia.

• Morro do Castello (nomes antigos), estabelecimento do primitivo governo da cidade. Lugar em que está situado. Arrazamento, para abertura de ruas e avenidas. Despojos de Estacio de Sá recolhidos ao convento de S. Sebastião nesse morro. Recordar a fundação da cidade e a invasão dos franceses. Desmonte do morro do Senado.

Urca, Pão de Assucar (os allemães o denominam chapéu de assucar) junto ao qual desembarcou Estacio de Sá, (historia). Meio de conducção para estes dois morros. Mostrar que não ha perigo na subida neste carrinho suspenso.

Circovad, Chapéu de Sol, de onde se descortina bella paisagem. Estrada de Ferro Circovad. Biciclos: Papagaios na Tijuca (razão do nome). Gigante da Pedra (morro que formam a razão do nome). Morro de Santa Teresa e Silvestre. Viaducto dos arcos, aqueducto mandado construir por Gomes Freire. Objectivo da construcção. Lenda do rio Carioca. Recapitular o abastecimento da agua comparando o systema actual com o antigo. Reservatorios mais importantes. Papel da agua na hygiene e na alimentação. As montanhas e morros da cidade do Rio de Janeiro são cobertos de vegetação formando alguns trechos espessos — são as florestas. Ex: Painzeiras, Circovad, Sumaré, Silvestre, Tijuca (Furnas, Vista Chimesa, Excelsior, Gruta de Paul) e Virginia).

Lugares procurados para passeios, pois dahi se descortinam variados panoramas.

Das montanhas ás planicies.

Dizer o que é um terreno plano e baixo, muitas vezes extenso, algumas ferteis, outras estereis, seccas e arenosas — desertos. Na cidade do Rio de Janeiro não ha propriamente planicies, no Brasil são citadas as do Amazonas, Pará, Rio Grande do Sul.

Campes, campinas, planaltos. Utilidade de um grande litoral. Inconvenientes.

Industria do sal. Utilidade das praias para banhos. Patria, patriotismo, civismo.

Expressão

Abstracts. — Explicação das palavras: monte, morro, outeiro, montanha, planicie, planalto, praia. Dar derivados de monte. Leitura, explicação e commentario do texto: "A Ti-

juca", de Aluizio de Azevedo, do livro de leitura de Bialac e Bomfim, pagina 218. Resumo. Synonymos. Formar phrases com as palavras do assumpto lido.

Recreio

Escrepta. — Passar para o caderno de aula phrases feitas com as palavras tiradas do trecho da leitura: cachoeira, carro, floresta, vegetação.

Arithmetica. — A Prefeitura contratou duas turmas de 136 operarios para trabalhar durante alguns dias no arrasamento do morro do Castello. Terminado o prazo a 1.ª turma recebeu 800\$000 e a 2.ª 560\$000 e o salario era o mesmo. Dizer o numero de operarios de cada turma e quanto ganha cada um delles por dia.

Este problema será passado no caderno de aula depois de explicado e resolvido.

Concreta. — Desenhar o Pão de Assucar e o Corcovado. Uma criança brincando em uma praia.

Modelagem. — Um balde

Sabbado, 22 de Setembro de 1928.

Sub-centro — *Illuminação, meios de comunicação e de transporte*

Observação

Por meio de gravuras mostrar o bonde electrico, o trem, o automovel etc, a comparar com os antigos meios de comunicação e de transporte.

Associação

Differentes modos de vida em sociedade.

Progresso humano através dos séculos. Lembrar o estado pre-social da especie humana. Primeiros agrupamentos para defesa reciproca e sob pressão das forças naturaes hostis. Nomadismo primitivo. Vida nas cavernas. Tribu. Primeiros esboços de cidade. Nação. Cidade civilizada. Na alimentação — phase primitiva: frutas, caça, pesca.

Agricultura. — Criação de animaes. Vestuario: — tanga, pelles, tecidos, modas.

Meios de locomoção: — animaes domesticados. O vapor, a electricidade, a gazolina. Trens, navios, automoveis, aeroplano.

Fogo. — Na humanidade primitiva: fricção de madeiras, tochas de resina, fogueiras.

Nos tempos coloniaes a illuminação da cidade era feita pelos candieiros de kerozene, ou vela de cêra. Illuminação pelo azeite de peixe (ruas de mais movimento + candieiros). Com a vinda de D. João VI para o Brasil em 1808, augmentou-se o numero de lampeões. Ainda assim quando alguem queria sair á noite, levava sempre um rapaz conduzindo uma lanterna ou mesmo um facho acceso. (Motivo). Depois da Independencia do Brasil foi concedido, a uma companhia, privilegio para organizar a illuminação da capital. Apresentaram-se varios concorrentes e foi preferida a companhia organizada pelo Visconde de Mauá para explorar o serviço.

Lampeões — só no centro da cidade (a principio). Lembrar o typo dos accendedores de lampeões (graças das crianças). Essa illuminação representando grande passo no progresso da humanidade, ainda assim deixava muito a desejar e por isso depois de repetidas experiencias foi adoptada a electricidade, utilizada hoje em toda a cidade.

O serviço está a cargo da companhia canadense Light and Power (traducção) que recebe para a sua usina directamente a energia electrica do Ribeirão das Lages onde fez grande represa. Lembrar que a electricidade se obteve por meio da fricção.

Não sendo materia do 5.º anno comtudo não é de mais dizer alguns phenomenos que produz: atracção, movimento, ruido, luz, calor, frio etc. Atmosphaera — immenso reservatorio de electricidade que descarrega para a terra por meio da humidade. Raio, relampago, trovão. Necessidade da descarga electrica para purificar a atmosphaera.

Uso do pararaios.

Diversas applicações da electricidade. Dizer que devido a ella a industria tem tomado grande impulso no Brasil. Galvanoplastia.

Douração, prateação, nickelagem. Applicação nos motores fazendo funcionar os machinismos das officinas, fabricas, bondes, trens etc.

Luz, telegrapho, telephone, avisadores automaticos de incendio, campainhas, victrolas orthophonicas, auditorium,

photographias, radiotelephonia, radiotelegraphia, cinematographia, televisão etc.

Na medicina é frequente o emprego sob a forma de correntes continuas, para activar a excitabilidade dos nervos motores, no tratamento das paralyas, arterio-scleroses, molestias de pelle (raios vermelhos), tuberculose (luz azul), tumores (raios ultra-violetes), etc.

Recordar os systemas antigos de transporte: cavallo, cadeirinha, liteira-palanquim (conduzidas por dois homens) carros de boi, de praça (cavallo, muars, bondes, tracção animal, hoje os bondes de tracção electrica, explorado o serviço pela Ligth, automoveis, auto-omnibus, aeroplanos, (Bartholomeu Lourenço e Santos Dumont).

Meios de communicação: — Citar: correios (repartição geral), telegraphos (repartição geral), cabo submarino, telephone, pneumatico, rapidos, correio aereo etc, comparando com os meios empregados antigamente.

Familia, patria, patriotismo, civismo.

Expressão:

Abstracta: — Leitura do trecho "O Burrico" de Sommeville do livro de leitura de Bilac e Bomfim, pagina 285. Explicação, commentario, resumo, significação de palavras. Synonymos. Familia de palavras.

Recreio

Escrepta: — passar para o caderno a descripção: um passeio de automovel, pela manhã, às praias de banho.

Summario:

Dizer a hora da partida e o dia em que fizeram o passeio. Aspecto das praias pela manhã. Falar dos banhistas, uns ousados, outros tímidos. Praias em que saltaram para se divertirem. Peripicias dos jogos. Brinquedos proprios para praias.

Vantagem do automovel sobre o bonde.

Arithmetica. — Depois de explicado foi resolvido e passado para o caderno o seguinte problema.

Um viajante fez no 1.º dia 18 Km, no dia immediato 15 Km e 7 Hm e no 3.º dia o dobro do que fez nos dois dias precedentes. Quantos metros percorreu no fim destes 3 dias?

Concreta. — Desenhar um automovel.

Modelagem. — Um cubo.

Districto Federal, 22 de Setembro de 1928.